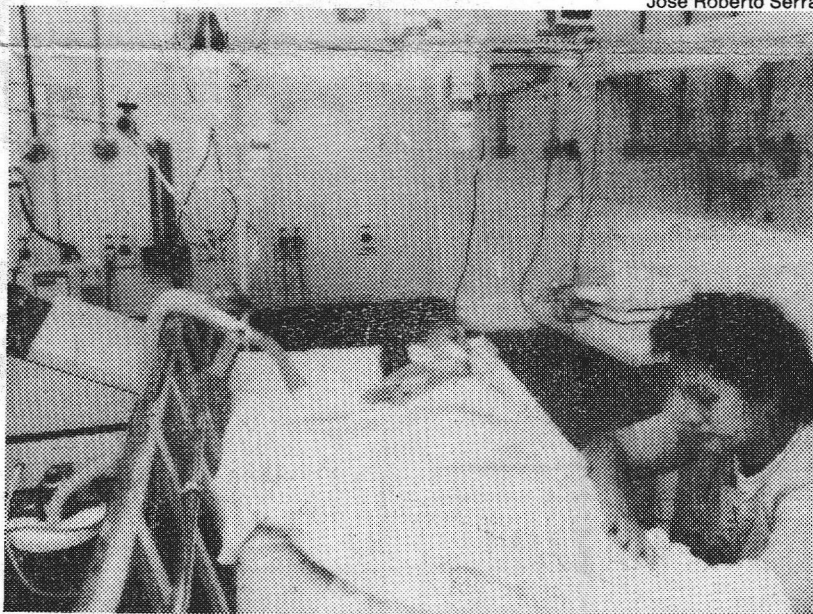


As crianças têm chances maiores

Os profissionais da saúde comparam as condições em que estão trabalhando com as de períodos de guerra. Como se o atendimento à população fosse feito em barracas de campanha, no *front* de batalha. Um dos três diretores do Hospital dos Servidores do Estado, Carlos Maurício Loureiro Maior, afirma que com os poucos recursos disponíveis, os médicos se vêem diante de um “dilema ético”. Ele reconhece que é preciso dar prioridade a quem tem mais chances de recuperação, como as crianças.

Às 18h de sexta-feira, no Hospital Miguel Couto, 11 pacientes graves esperavam em macas, improvisadas na emergência, uma vaga no centro cirúrgico, que tinha as cinco salas ocupadas. O diretor Paulo Pinheiro admitiu que os casos de mais urgência tiveram prioridade. E que, quando aqueles 11 pacientes voltarem da mesa de cirurgia, provavelmente passarão o pós-operatório nas mesmas macas da emergência. Isso porque o hospital estava com 470 leitos, 20 a mais do que a sua capacidade máxima.

O diretor do Hospital Salgado Filho, Fernando Maia, também se



No CTI do Miguel Couto, as crianças ocupam as vagas dos adultos

vê as voltas com o “dilema ético”. “Difícilmente chegamos três ou quatro pessoas à beira da morte, mas se isso acontecer vamos ter que optar”, alerta ele, que tem os 310 leitos do hospital ocupados. Fernando reclama: “A gente se preparou para dar qualidade”. Mas com a atual crise, isso se transformou em um luxo.

Até o presidente do Conselho Regional de Medicina do Rio (Cremérj), Laerte Vaz de Mello, revela que ouve com frequência relatos de médicos que enfrentam o “dilema ético” de ter que escolher quem vai sobreviver. Ele relata que um amigo médico comentou, chorando, o desespero que sentia ao escolher quem salvar. “Ele me disse que não

queria mais selecionar quem vai viver”, lembrou Laerte.

E os casos se repetem. Na sexta-feira, no Miguel Couto, Joana Perez, 68 anos, vítima de acidente vascular cerebral, esperava há seis dias na emergência — sem condições de tratamento do seu caso — uma vaga do CTI. Enquanto isso, quase metade do CTI era ocupado por crianças, utilizando equipamentos que não foram feitos para elas. “Aqui a estrutura é toda para adulto, mas às vezes a gente tem que internar crianças de 6 meses”, afirma a chefe do setor, Luiza Toscano.

No Miguel Couto não existe CTI infantil — há pessoal, mas não infra-estrutura. Já no Hospital da Lagoa, é o contrário: o setor existe, mas está fechado por falta de pessoal especializado. As crianças do Miguel Couto ocupam os lugares destinados a doentes como Joana Perez. Como há apenas um respirador artificial infantil, as três crianças (entre 6 e 10 anos) do CTI, em coma, usam aparelhos de adultos adaptados. A experiência médica mostra que as chances de recuperação das crianças são maiores.